

## O DICIONÁRIO ELETRÔNICO COMO FACILITADOR DE PESQUISA E AQUISIÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS

Jaciara Mesquita ROSA<sup>1</sup>

Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão-GO  
jaciaram@hotmail.com

Maria Helena de PAULA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão-GO  
mhpcat@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo mostrar que a leitura e a pesquisa de palavras podem tornar-se interessantes, se realizadas em um dicionário eletrônico. O dicionário, por sua natureza de memória lexical, se bem usado pelo professor, pode despertar no aluno um mundo novo de conhecimentos e interesses pela língua, ou outras línguas inventariadas na obra. É sabido que no léxico português do Brasil há várias palavras *estrangeiras* e que já foram dicionarizadas, incorporando-se ao nosso vocabulário e ao nosso cotidiano. Trataremos, então, da influência francesa na língua portuguesa do Brasil, com seus empréstimos e estrangeirismos, observando que, através do dicionário, as aquisições de vocábulos de outros idiomas passam a integrar nossa língua e, sobretudo, nossa cultura. Para isso, faremos um recorte no dicionário eletrônico português Houaiss (2001) e mostraremos a inserção desses galicismos no léxico português. Para comprovar a origem francesa, utilizaremos o dicionário “Le Petit Robert de Poche” (2009). Dessa maneira, o aluno poderá descobrir na obra lexicográfica brasileira, unidades lexicais de seu próprio vocabulário que, na verdade, são de origem estrangeira, nesse caso francesa. E, possivelmente, despertar nesse estudante o interesse em adquirir um novo idioma ou, pelo menos, novos vocábulos.

**Palavras-chave:** Lexicografia, Dicionário Eletrônico, Galicismos

### 1) Introdução

Estamos passando, constantemente, por transformações tecnológicas que resultam em mudanças comunicacionais diante de um mundo globalizado. A maneira de expressar e interagir com o próximo se diversificou com a chegada da *internet*, *e-mails*, redes sociais e *blogs*. Esse processo de desenvolvimento atinge os indivíduos de maneira geral, os que têm acesso às novas tecnologias e dela usufruem e passam a uma situação de dependência, outros não têm acesso direto a essas mudanças, mas de uma forma ou de outra também são por elas contaminados. Mesmo que a pessoa não tenha computador em casa, existem as *lan houses*, estabelecimentos comerciais onde se paga um valor referente ao tempo de uso da *internet* e se pode ter acesso, muitas vezes, irrestrito, à *web*.

Até mesmo para sacar dinheiro em um caixa eletrônico, o indivíduo se depara com outra tecnologia, e precisa de um mínimo conhecimento para utilizá-la. Ou seja, nas

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem – Universidade Federal de Goiás -Campus Catalão (UFG/CAC), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena de Paula. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Professora Adjunta da UFG-CAC.

atividades básicas e diárias, é preciso estar conectado de alguma forma. E esse reflexo tecnológico deve chegar até às escolas, porque o aluno precisa de abordagens pedagógicas diferentes, nos lembra Nunes (2008) e, principalmente, estimulantes para que seja atraído para as aulas. Quase sempre, de caráter expositivo e sem atrativos para um indivíduo que cresceu com a tecnologia ao seu redor.

É preciso que os diretores e coordenadores das escolas e os docentes estejam atentos para essa perspectiva de colocar os alunos como sujeitos multimídia-aprendizes, ou seja, os adolescentes, principalmente, são alunos audiovisuais. Por si só, os dicionários de língua, segundo Krieger (2007, p. 301), “[...] são instrumentos potenciais para o aprendizado e desenvolvimento da leitura, da redação e da comunicação em geral.” Mas é preciso associar esse aprendizado a uma nova linguagem eletrônica. Ver e ouvir músicas, filmes, clipes, e estabelecer uma conexão entre esses recursos com a matéria que estão aprendendo. Assim, o conteúdo fica muito mais interessante.

Porém, sabemos da realidade das escolas públicas no Brasil atualmente. É raro que o professor desses colégios trabalhe com filmes, computadores e *internet* já que nem toda escola tem possibilidade financeira e estrutura física para levar a tecnologia ao aluno.

E quando falamos então de ensinar uma língua estrangeira, esse processo torna-se ainda mais complicado porque o estudante, em geral, apresenta problemas funcionais na leitura de textos na língua materna e, por consequência, terá dificuldades em interpretar um texto em outro idioma (inglês e espanhol), pela pouca prática de leitura, o que a faz mais difícil ao aluno, e porquanto as habilidades de leitura e escrita em língua materna em muito agilizam aquelas em língua estrangeira.

Ademais, como nos lembram Brito e Schmitz (2009, p.14), a carga horária para esse tipo de disciplina em vigor é pequena e, nem sempre, permite ao professor trabalhar amplamente com os recursos tecnológicos em sala de aula. No entanto, é preciso que o aluno aprenda bem uma língua estrangeira para que este tenha, pelo menos, a possibilidade de se tornar mais consciente da diversidade que constitui o mundo.

O caráter educativo do ensino de uma LE está nas possibilidades que o aluno pode ter de se tornar mais consciente da diversidade que constitui o mundo. As múltiplas possibilidades de ser diferente, seja pela cultura, seja pelas identidades individuais, podem fazer com que o indivíduo se torne mais consciente de si próprio, em relação a seu contexto local e ao contexto global (JORGE, 2009, p. 163).

Apesar de nas escolas públicas os alunos estudarem os idiomas inglês e espanhol, a importância do processo de aprendizagem de qualquer outra língua estrangeira é o mesmo. O presente trabalho abordará sobre o idioma francês, em especial, os francesismos ou galicismos, palavras de origem francesa que chegaram ao Brasil, se instalaram e hoje fazem parte do nosso acervo lexical. De acordo com (SILVA, 2008), as primeiras palavras francesas chegaram por aqui em meados do século XIX e início do XX, possivelmente com o movimento *Belle Époque*, efervescência cultural e artística que teve início na França e teria começado a se disseminar pelo Brasil, chegando primeiramente no Rio de Janeiro, que na época era capital federal. A elite urbana carioca adotou o modo europeu de se levar a vida, tanto nos costumes, hábitos, vestuário e, principalmente, os novos vocábulos que aqui chegaram.

Tais vocábulos ainda são recorrentes entre os falantes da língua portuguesa no Brasil como pretendemos demonstrar aqui. Nesse trabalho, discutiremos sobre o dicionário eletrônico de língua portuguesa no qual o consulente vai encontrar unidades lexicais estrangeiras com a mesma forma e grafia da língua-fonte, no caso em tela, os galicismos, que

foram dicionarizados da mesma maneira que são falados e escritos por falantes nativos. Tais registros de certo modo surpreendem, pois uma consulta simples revelará quantidade relevante de palavras de origem francesa.

Segundo Coelho Netto (1980, p.19) “[...] seria possível dizer que a *língua* seria o conjunto de todos os termos constantes de um dicionário ideal mais as normas de combinação possível entre eles”. Assim, a consulta a um dicionário é sempre uma possibilidade de aprendizado e, no caso do Houaiss (2001), o consulente vai poder referendar a origem das palavras francesas na etimologia dos verbetes do dicionário de língua portuguesa e averiguar que esses estrangeirismos existem e não foram adaptados para a língua portuguesa.

## 2) Material e Método

Para o trabalho em questão, escolhemos o dicionário eletrônico de língua portuguesa (HOUAISS, 2001) por ser um dos mais renomados dicionários gerais em uso no Brasil. Além disso, apresenta uma interface de fácil manuseio para uma pesquisa rápida feita no computador. Esse processo facilita o trabalho de busca já que um dicionário que contém mais de 220 mil verbetes é pesado, difícil para ser transportado e até mesmo manuseado, como se nota na versão impressa da mesma obra.

Então, os galicismos/francesismos encontrados no referido dicionário serão por si só comprovados através da etimologia apresentada por esses verbetes, depois de cada acepção. Para comprovar a etimologia desses vocábulos também foram utilizados os dicionários “Le Robert de poche” – Le Robert Francês-Francês (2009) e o dicionário “Oui”, bilíngüe Francês-Português/Português/Francês - míni (2008).

Para melhor esclarecimento do método trabalhado seguem abaixo as etapas que o permitiram:

- a) breve inventário de verbetes do idioma português da obra de referência eletrônica de maior circulação no país, o dicionário Houaiss (2001);
- b) análise dos verbetes compreendidos na amostra das dez primeiras páginas de cada letra do alfabeto, de A a Z, no entanto as letras K, W e X não chegam a completar esse número;
- c) paralelamente às etapas já citadas, foram feitas leituras teóricas sobre o ensino de língua estrangeira, empréstimos linguísticos e estrangeirismos, bem como sobre a lexicografia.
- c) construção de fichas que contêm o verbe e sua definição;
- d) análise da organização dos verbetes e a apresentação e a definição que o Houaiss eletrônico (2001) lhes apresenta.

Por se tratar de um dicionário eletrônico, que não apresenta o número de páginas, para facilitar o nosso trabalho, recorreremos ao dicionário tradicional impresso e checamos quais verbetes iniciavam e finalizavam a cada dez páginas de cada letra. Exceção para as letras K, W e X, que como dito, não chegaram a completar dez páginas de verbetes.

## 3) O português brasileiro também se rende à influência francesa

O dicionário Houaiss (2001) é uma obra de referência que leva o mesmo nome do Instituto e, nessa edição, contém 228.500 (duzentos e vinte e oito mil e quinhentas) unidades léxicas. Na apresentação do dicionário, feita por Mauro de Salles Villar, consta-se que a obra foi produzida ao longo de quinze anos, compilada por 34 redatores generalistas e especialistas e ainda outros 43 colaboradores externos interligados à rede de banco de dados do Instituto Houaiss, além de outros redatores de outros países africanos e de Portugal.

Na interface eletrônica, há uma barra alfabética que facilita a pesquisa das palavras, as quais o consulente tem interesse em conhecer. Há também um glossário para ajudar o pesquisador na busca e entendimento dos vocábulos direcionados a fornecer mais informações, como é o caso, por exemplo, da presença dos galicismos semânticos definidos como: “acepção tomada de empréstimo ao francês”, objeto de estudo dessa pesquisa. Também, na apresentação dos verbetes, os consulentes têm acesso a três opções de consulta: modo interativo, modo tradicional e modo expresso. Nesse trabalho, vamos usar o modo tradicional por ser mais completo e apresentar todas as informações necessárias para a realização dessa pesquisa, em apenas um clique.

O aluno, mesmo que não entenda de lexicografia e suas implicações diante de uma consulta ao dicionário, facilmente encontrará a acepção de determinada palavra, sua função, o gênero e o que mais importa neste momento para nós, a informação sobre a origem da palavra, que aparece em local específico, geralmente no fim de cada acepção e é de fácil acesso ao consulente.

Além disso, a consulta a novas unidades lexicais diante de uma tela de computador se torna muito mais interessante ao aluno multimídia. Muitas vezes, os professores precisam migrar para essa tecnologia, porque muitos estudantes que recebem as informações já nasceram imersos a essas novidades fazendo parte de seu crescimento, aprendizagem e lazer.

Inicialmente, nos baseamos nas teorias de Biderman (2001) e Leitão (2006) sobre os estrangeirismos e os empréstimos, respectivamente. Para Leitão (2006), os empréstimos são aquelas palavras originadas da língua que importamos, neste caso, a francesa e que ao serem adotadas pelos falantes do português do Brasil sofrem adaptações, seja na escrita e/ou na pronúncia. Já os estrangeirismos que, neste estudo, vamos nomear de galicismos ou francesismos, são aquelas palavras que fazem parte do nosso vocabulário, mas não sofreram adaptações pela língua importadora, a portuguesa.

Esse processo de aquisição de novas palavras não pode ser ignorado. Como vivemos em um regime global no qual recebemos os produtos, as inovações recorrentes nos países desenvolvidos devido ao intercâmbio de informações não raro são referenciadas através de empréstimos e estrangeirismos. Apesar de o dicionário não conseguir registrar essas novas unidades lexicais de forma rápida, os falantes as adotam primeiramente e com o uso frequente poderão ser dicionarizadas. Caso caiam em desuso, podem nunca fazer parte de uma obra lexicográfica, mas de alguma maneira teriam feito parte do cotidiano de uma comunidade.

Dentre as unidades léxicas do dicionário Houaiss (2001), estão incluídos elementos de composição, locuções, siglas, abreviaturas e até mesmo frase, em alguns casos raros, porém neste estudo analisamos e coletamos apenas, segundo a classificação teórica de Carvalho (1989), as palavras simples e compostas por hífen e as locuções, que, segundo o dicionário, têm origem francesa.

#### 4) Resultados

Como dito anteriormente, trabalhamos com palavras simples e compostas por hífen e locuções extraídas das primeiras dez páginas de cada letra do alfabeto na obra Houaiss (2001). Lembrando que o dicionário foi analisado em sua versão eletrônica e com a interface em modo completo. No entanto, as letras “K”, “W”, “X” e “Y” não chegam a possuir um número de verbetes que preencha dez páginas. Vejamos o quadro abaixo:

<b>Letra</b>	<b>Páginas e ocorrências</b>	<b>Empréstimos ou estrangeirismos franceses</b>
Letra “K”	4 páginas; 427 vocábulos	1

Letra “W”	2 páginas; 143 vocábulos	-
Letra “X”	7 páginas; 92 vocábulos	2
Letra “Y”	1 página; 44 vocábulos	-
Letra “Z”	Mais de dez páginas	13

**Quadro 1 – Páginas e ocorrência de vocábulos no dicionário Houaiss (2001)**

Na letra “K” foi encontrado apenas um estrangeirismo, de acordo com a teoria de Leitão (2006), visto que a palavra não sofreu qualquer alteração e foi adotada pelo dicionário na mesma grafia e pronúncia que a encontramos no francês. Para a teoria de Biderman (2001) que fala sobre os três tipos de adoção do estrangeirismo, esse verbete é um decalque, pois no idioma português foi adotada a versão literal do lexema. Veja-se:

kir  
/kiR/ [fr., marca registrada] *s.m.* (1952) aperitivo feito com vinho branco e licor de cassis □ k. royal kir em que se usa champanhe em lugar do habitual vinho branco □ ETIM fr. *kir* (c1950) 'id.', marca registrada; do antr. Félix Kir (1876-1968, cônego e prefeito de Dijon, França).

No dicionário francês-francês *Le Robert de Poche* (2009) a palavra aparece da seguinte maneira: “**kir** n.m. – Apéritif composé de vin blanc et de liqueur de cassis”.

Houaiss (2001) traz a definição do que vem a ser a palavra *kir*, o gênero também permanece o mesmo. A acepção ainda traz exemplos sobre como o aperitivo pode ser utilizado e a nova informação de que é uma marca registrada de uma ex-autoridade francesa, diferentemente da acepção do *Le Robert de Poche* (2009) que traz uma definição curta e simples.

Na letra “W” não há recorrência de galicismos ou empréstimos. Já na letra “X” encontramos dois empréstimos, do qual apresentaremos um:

xenotima  
*s.f.* (sXX cf. AGC) MINER m.q. *xenotímio* □ ETIM fr. *xénotime* 'id.', criado em 1832 pelo mineralogista francês François-Sulpice Beudant (1787-1850), do gr. *ksénos* 'estranho, raro, estrangeiro' e gr. *timê* 'valor, honra', em cuja form., talvez a primeira pal. gr. *ksénos* 'estranho, raro' tenha sido tomada erroneamente em lugar do gr. *kenós* 'vazio, privado de', caso em que se teria o port. \**cenotima*.

*Le Robert de Poche* (2009) não apresenta essa unidade lexical. Houaiss (2001), na etimologia, mostra que o nome foi dado à substância por um mineralogista francês que descobriu determinado mineral.

Não encontramos nenhuma palavra de origem francesa na letra “Y”. Porém, conforme quadro acima, Houaiss (2001) traz 13 empréstimos franceses na letra “Z”, pois todos sofreram adaptações à fonética e à ortografia brasileiras. Vamos ao primeiro exemplo:

zefir  
*s.m.* (1899 cf. CF<sup>1</sup>) TÊXT tecido fino e ger. transparente de algodão cardado, us. na confecção de vestes leves, roupas íntimas, de crianças etc. □ ETIM fr. *zéphyr*, *zéphir(e)* (c1320) 'vento do oeste; deus que o personifica'; (1552) 'vento doce e agradável'; (1852) 'tecido de algodão muito fino, usado para fazer camisas, camisetas, etc.', do lat. *zephyrus*, *i* 'vento oeste; deus que o

personifica', este do gr. *zéphuros*, ou 'vento noroeste, geralmente violento ou chuvoso; deus que o personifica'; f.hist. 1899 *zephyre*

*Le Robert de Poche* (2009) comprova a significação do vocábulo informando que, além de ser um verbete ligado à moda, também apresenta outra significação, a poética, como se vê: “**Zéphyr** n.m. – poét. Vent doux et agréable. II Toile de coton fine et souple”.

Nas três palavras mostradas acima, cada uma corresponde a um campo semântico, um da gastronomia, outro referente à geologia e, por último, um vocábulo referente à moda. Mas inicialmente podemos perceber que de 3 verbetes de origem francesa, dois deles trazem a referência aos refinados costumes franceses, o que influenciou e influencia a cultura brasileira.

Foram pesquisados mais de 18 mil vocábulos no dicionário Houaiss (2001). Deste número aproximado, foram colhidas 461 unidades lexicais de origem francesa. Veja quadro abaixo que discrimina as ocorrências nas dez primeiras páginas de cada letra:

Letra de ocorrência	Quantidade de ocorrência
Letra “A”	8 empréstimos
Letra “B”	35 empréstimos; 1 estrangeirismo
Letra “C”	19 empréstimos; 1 estrangeirismo
Letra “D”	46 empréstimos; 3 estrangeirismos
Letra “E”	19 empréstimos; 3 estrangeirismos
Letra “F”	9 empréstimos; 5 estrangeirismos
Letra “G”	26 empréstimos; 3 estrangeirismos
Letra “H”	10 empréstimos; 7 estrangeirismos
Letra “I”	10 empréstimos
Letra “J”	14 empréstimos; 10 estrangeirismos
Letra “K”	1 estrangeirismo
Letra “L”	6 empréstimos; 6 estrangeirismos
Letra “M”	14 empréstimos; 3 estrangeirismos
Letra “N”	23 empréstimos; 2 estrangeirismo
Letra “O”	6 empréstimos; 2 estrangeirismos
Letra “P”	30 empréstimos; 1 estrangeirismo
Letra “Q”	9 empréstimos; 3 estrangeirismos
Letra “R”	7 empréstimos; 3 estrangeirismos
Letra “S”	15 empréstimos; 6 estrangeirismos
Letra “T”	17 empréstimos; 4 estrangeirismos
Letra “U”	21 empréstimos
Letra “V”	36 empréstimos; 2 estrangeirismos
Letra “W”	—

Letra “X”	2 empréstimos
Letra “Y”	—
Letra “Z”	13 empréstimos

**Quadro 2 – Recorrência de empréstimos e estrangeirismos no dicionário Houaiss (2001).**

Os empréstimos que, segundo Leitão (2006), são as palavras que já estão no dicionário e sofreram adaptações na grafia e na pronúncia, se apresentam em maior número em relação aos estrangeirismos, aquelas que não sofreram adaptações. Na letra “A”, por exemplo, não aparece nenhum estrangeirismo.

Depois das especificidades das letras “W”, “X”, “Y” e “Z”, vamos mostrar alguns exemplos de estrangeirismos e/ou empréstimos mais comuns no vocabulário português do Brasil. Por exemplo, conforme quadro acima, na letra “H” foram encontrados 7 (sete) estrangeirismos, um deles é a palavra “habitué”, referente a alguém que frequenta assiduamente um lugar. Veja abaixo a aceção no dicionário Houaiss (2001):

habitué:

/abi'tçe/ [fr.] s.m. freqüentador assíduo; habituado <ela é h. de ópera> □ GRAM fem. *habituée* □ ETIM fr. *habitué* (1370-1380) 'habituado, acostumado', (1778) substv. 'pessoa que frequenta regularmente um lugar', part.pas. de *habituer* (c1320) 'tornar familiar pelo hábito; acostumar'; ver *hav-*

O dicionário francês-francês *Le Robert de Poche* (2009) traz a seguinte definição: “**Habitué, ée** n.- personne qui fréquente habituellement un lieu” que corresponde exatamente ao significado que apontamos em português.

A palavra “haras” também é um vocábulo recorrente e veio importado com a mesma grafia do francês.

Haras

s.m.2n. (1938 cf. PD) TURFE sítio ou fazenda consagrados à criação, ao aprimoramento da raça e ao treinamento de cavalos de corrida; coudelaria □ ETIM fr. *haras* (c1160) 'conjunto de garanhões e de éguas reunidos em um local para reprodução, (1280) estabelecimento onde se reúnem esses animais', prov. do esc. *hârr* 'de pêlo cinza' + suf. fr. *-as* □ HOM *aras*(fl.arar e pl.ara[s.f.])

A fim de comprovarmos a origem francesa, abaixo a definição similar trazida pela obra “*Le Robert de Poche*” (2009): “**Haras** n.m – Établissement destiné à la reproduction et à l'élevage des chevaux”.

A unidade lexical “paisagem” é um exemplo diferente, pois se trata de um empréstimo francês. A palavra sofreu algumas adaptações para ser utilizada entre os falantes do português do Brasil. Confira-se abaixo, segundo Houaiss (2001):

Paisagem

s.f. (1567 cf. DGóisM) **1** extensão de território que o olhar alcança num lance; vista, panorama <do alto, essa p. é mais bonita> **2** conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar **3** espaço geográfico de um determinado tipo <p. costeira> <p. campestre> **4** pintura, desenho, gravura, fotografia etc. em que o tema principal é a representação de formas naturais, de lugares campestres <Frans

*Post pintou várias p. de Pernambuco* <o filme mostra belas p. do Oriente>  
 □ ETIM fr. *paysage* (1549) acp. de belas-artes, (1556) 'conjunto de países', (1573) 'extensão de terra que a vista alcança'; ver *pais-*; f.hist. 1567 *paugage*, 1587 *pausagens*, 1600 *passagem*, sXVI *paisagem*, 1649-1666 *passagens*, 1656 *paizagem* □ SIN/VAR ver sinonímia de *panorama*

Nas aulas de geografia, o aluno se depara inúmeras vezes com essa palavra. E a primeira acepção no dicionário “*Le Robert de Poche*” (2009) nos comprova a mesma definição trazida pelo Houaiss (2001): “**Paysage** [pei] n.m – 1. Partie de la nature présentée à un observateur. ▪ par.ext. *Paysage urbain*. 2 Tableau représentant la nature. 3. fig Aspect general. → **situation**. *Le paysage audiovisuel français* (P.A.F)”.

Tanto os empréstimos quanto os estrangeirismos apresentados acima são palavras comuns ao nosso vocabulário e, na maioria das vezes, não nos damos conta da origem dessas unidades lexicais ou nem nos preocupamos em buscar tal informação. O que pretendemos mostrar com essas definições é que a pesquisa de novas palavras pelo aluno pode despertar nele curiosidades sobre um novo idioma, que talvez ele nunca imaginasse ter origem em outra língua, principalmente francesa, visto que o mais corriqueiro processo de empréstimos linguísticos no português do Brasil é o anglicanismo, ou seja, estrangeirismos vindos do idioma inglês.

A proposta de fazer essa pesquisa em uma tela de computador pode estimular o aluno a buscar novas palavras além daquelas que ele não entendeu ao ler um texto ou fazer uma pesquisa para um trabalho, pois o meio eletrônico pode instigar a curiosidade dos alunos midiáticos e assim fazê-los adquirir novos conhecimentos.

## Considerações finais

Como vimos anteriormente, a disponibilidade da etimologia no dicionário de língua portuguesa Houaiss (2001) facilita a pesquisa dos alunos e a necessidade de qualquer outro consulente em buscar a origem das palavras que ainda não se conhecem, mesmo que, segundo alguns estudiosos da lexicografia, a escolha das acepções não esteja de acordo com a realidade, uma vez que o dicionário Houaiss (2001) tenha feito a escolha dos verbetes registrados baseada em estatísticas e na maior recorrência de cada verbete pelos falantes da nossa comunidade. Foram encontradas muitas palavras-entrada que não são muito usuais no dia-a-dia, e muitas vezes as primeiras significações das unidades lexicais não correspondem ao vocabulário usual de uma comunidade comum e sim de uma comunidade elitizada, a significação mais popular aparece em terceiro lugar, como se pode notar no verbete “ícone”:

ícone

*s.m.* (1914 cf. CF<sup>3</sup>) **1** nas igrejas orientais, representação de uma personagem ou cena sagrada em pintura sobre madeira, não raro recoberta de um metal precioso e pedrarias, ela própria considerada sagrada e objeto de culto [Há tb. ícones em mosaico e baixo-relevo.] **2** *p.ext.* representação artística de divindade ou de assuntos de caráter religioso <um jovem artista de Minas que pintou alguns í. para uma igreja maronita> **3** *fig.* pessoa ou coisa emblemática do seu tempo, do seu grupo, de um modo de agir ou pensar etc. <Jackson Pollock é um í. do expressionismo abstrato> **4** INF elemento gráfico que, em sistemas operacionais ou em programas com interfaces gráficas, representa determinado objeto, operação ou *link*, sendo ger. acionável por um clique de *mouse* **5** SEMIO signo que apresenta uma relação de semelhança ou analogia com o objeto que representa (como uma fotografia, uma estátua ou um desenho figurativo); *p.ex.*, o desenho de uma



faca e um garfo cruzados que indicam a proximidade de um restaurante □ cf. *indício* e *símbolo* □ ETIM fr. *icône* (1858) 'imagem sacra das igrejas do Oriente', do rus. *ikona* 'imagem' e este do gr.biz. *eikóna* 'imagem sacra', der. do gr. *eikôn,ónos* 'imagem, retrato, imagem refletida em espelho, simulacro, fantasma, imagem de espírito, semelhança'; JM e Nascentes tiram diretamente do gr. *eikôn,ónos*, pelo lat. *ícon,ónis* 'imagem, representação mental, retrato'; na acp. semio, pelo ing. *icon* 'signo cuja forma sugere o significado', mesma origem; ver *icon(i/o)-*; f.hist. 1914 *ícone*, 1922 *ícono*

Dessa forma, segundo Biderman (2004), as obras lexicográficas supracitadas aparentam ser mais históricas do que funcionais no uso da língua contemporânea. A autora também diz que faltam profissionais mais qualificados para a confecção de obras dessa categoria.

De fato, se um corpo de linguistas de formação especializada em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia tivesse cooperado nestes grandes empreendimentos e se essas obras se tivessem fundamentado em um grande *corpus* informatizado, representativo do Português Brasileiro contemporâneo, elas poderiam atingir o *status* de grande tesouro lexical da nossa língua (BIDERMAN, 2004, p. 200).

E mesmo com a tentativa de se produzir um “tesouro lexical” ainda seria difícil fecharmos um léxico, visto que o mesmo é um sistema aberto e está sempre em constante evolução. Até esses verbetes apresentados nessa pesquisa podem sofrer alterações ou mesmo serem extintos, o que nos leva a dizer que os dicionários devem ser elaborados com rigor, acessibilidade aos consulentes e serem fruto de um trabalho exaustivo de renovação que acompanhe as mudanças socioculturais e tecnológicas de uma comunidade.

## Referências Bibliográficas

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.

\_\_\_\_\_. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume II. (Orgs.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 185-200.

BRITO, Rute Moreira de; SCHMITZ, John Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades lingüísticas na escola pública: uma meta alcançável?. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa**: conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009. p.13-20.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Lingüísticos**. Editora Ática. São Paulo, 1989.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva, 2001.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos Jorge; PAES, Maria Bethânia Gomes. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2009. p. 161-168.

KRIEGER, Maria da Graça. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, vol. III. Campo Grande: UFMS, 2007. p. 295-308.

LEITÃO, Isabela Custódio. Os empréstimos linguísticos e sua tipologia. In \_\_\_\_\_ **Anglicismos no português do Brasil: um estudo lexicográfico** Aurélio-Houaiss. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2006. p.15-19.

NUNES, Simara Maria Tavares. Profissão docente: caminhos para a construção de uma identidade. In: **Reunião de Didática e Prática de Ensino**, 8, 2008, Catalão. Estágio e Docência: Formação, Valorização e Construção da Identidade, 2008. p.22-35.

ROBERT, Paul. **Le Robert de Poche**, 2009.

SILVA, Alexander Meireles Da. O admirável mundo novo da República Velha. In \_\_\_\_\_ **O admirável mundo novo da República Velha: O nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX**. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura (Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. p. 80-83.